5 Conclusão

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmos estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o viajante se sentou na areia da praia e disse: “Não há mais que ver”, sabia que não era assim. O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com Sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir. E para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre. o viajante volta já.

(José Saramago)

Atravessando as alamedas da PUC, com os raios de sol penetrando pelas imensas copas das árvores e tornando o dia ainda mais resplandecente, pensava, entre passadas ora firmes, ora titubeantes. Era uma entrada diferente: na condição de pré-mestranda, em direção à entrevista decisiva, assumi o compromisso de, caso aceita para o curso, transformar a oportunidade em um estudo significativo. O significado relaciona-se diretamente ao valor da experiência vivida pelo sujeito. E o que seria mais representativo do que refletir sobre a própria prática? Embrenhei no desconhecido mundo de ver-se através de outros olhares, lugares, contextos.

O objetivo desta dissertação centrou-se na análise das práticas, narrativas e reflexões, explícitas ou ocultas, das páginas de um diário elaborado durante o trabalho com uma turma de alfabetização, no ano de 1999. O diário, transformado em empiria da pesquisa, exigiu leituras densas, entradas e saídas, aproximações e distanciamentos essenciais ao olhar exotópico. Assim, as narrativas permitiram revelar práticas e reflexões

cotidianas no entrecruzar das múltiplas vozes que marcaram a discursividade.

Necessário se fez caminhar pelas trilhas da vida de estudante e da escolha profissional, redescobrimo elementos que contribuíram para a formação docente – uma formação que se atualiza até hoje. Olhares da pesquisadora sobre as páginas do diário assinalaram a desconstrução da professora que considerava seu trabalho pedagógico pautado nos mais recentes estudos teóricos de aquisição da leitura e da escrita. Comparando procedimentos teórico-práticos inerentes ao processo de alfabetização, estes revelaram-se dicotômicos, marcados por contradições na relação entre aprender e ensinar.

Sabia do valor da interação, entendia a criança enquanto sujeito de discursos, decisões e atitudes diante das experiências cotidianas, mas nem sempre a reconhecia, também, sujeito de autoria quando a situação implicava na relação com a língua escrita – uma continuidade do processo de apropriação das coisas do mundo. Desconsiderar o papel ativo da criança nessa construção é impossibilitar a legitimidade de sua assinatura: a marca de sua presença, competência e identidade.

Por outro lado, quando a descrença cedia lugar à convicção da interlocução entre aprendizagem e sentido, o trabalho pedagógico assumia outros contornos nos quais a criança deixava de ser expectadora para constituir-se criadora. Os usos e as funções sociais da leitura e da escrita transformavam-se nas referências de uma prática pessoal e coletiva; experiências contínuas de confrontos e descobertas de possibilidades.

Através das reflexões sobre as escritas do diário, foi possível conhecer mais das crianças. Elas falam – e como falam! – de suas vivências; questionam o que não entendem e demonstram ter explicações bem claras sobre muitas coisas. Revelam seus medos e uma realidade, por

vezes, sofrida. Reconhecem-se sujeitos de autoria e de direitos. E fazem questão de explicitar todo esse saber.

Assumindo a posição exotópica, (re)conheci a professora no enfrentamento de impasses e dilemas cotidianos: a preocupação com as ausências constantes das crianças às aulas; o relacionamento com a turma, ora baseado em atitudes impositivas, ora fundado na compreensão e carinho de olhares e escutas; e o reconhecimento das infinitas possibilidades de partilha na interação dialógica de experiências com os pequenos.

Sobre as famílias, as narrativas do diário contribuíram para repensar as reuniões de pais, no sentido de acentuar a aproximação com a escola; e descortinar outras alternativas de convívio menos formais, como a participação em festas de aniversários e comemorações da turma. Além disso, mostrou que os trabalhos passados para casa podem representar um elo com a escola; uma ligação que culminou com o maior dos passeios daquele ano, organizado e conduzido pelos pais e seus filhos: a ida à Rocinha.

As observações chegaram à escola e à complexidade de sua estrutura de funcionamento. Foram destacados o valor das identidades de sujeitos sócio-históricos desprovidos de seus nomes próprios; as incoerências da instituição nas leis e regras impostas; os conselhos de classe como lugar de problematizar e aprofundar a prática docente; e os imponderáveis inerentes à dinâmica escolar.

A necessidade de registrar pensamentos e atitudes – um exercício de reflexão por escrito da prática – configurou-se na base dessa dissertação. Talvez para aliviar parte da tensão na lida constante com os imponderáveis, as narrativas do diário acentuavam um tom irônico, bem humorado ou auto-crítico sobre as experiências.

A existência do diário evidencia que a escola pode ser espaço de escrita tanto das crianças, quanto dos professores, com um sentido real de comunicação; assim, um ato solitário converte-se em diálogo com o outro. Quando um professor toma para si a palavra e decide documentar por escrito experiências cotidianas, apropriando-se delas como objeto de análise da própria prática, assume, além do papel de ator do processo educativo, o de autor. Como vimos, todos têm histórias a contar; e esse é o percurso para a construção de identidades e manifestação de subjetividades.

Histórias e identidades inscritas no diário da turma de alfabetização possibilitaram ir além das análises da construção e reconstrução de saberes pedagógicos. A escrita desta dissertação favoreceu uma interlocução mais ampla com a diversidade social humana da escola que partilha acontecimentos, rotinas, emoções – vida! – num terreno fértil de relações. As narrações representam não somente uma trajetória individual, mas o descortinar de tramas coletivas fundadas na relação de alteridade; os discursos acentuam-se pela presença da multiplicidade de vozes que emergem da realidade educativa.

Todo enunciado está determinado por um contexto de enunciação; dirige-se a alguém e busca um acabamento que ocorre a partir da réplica do outro, ou seja, a resposta do outro é que dá acabamento a um enunciado. As falas dos sujeitos aqui contemplados – crianças, professores, famílias e escola – assumem a mesma validade das palavras da pesquisadora. A intenção pretendida no período inicial do curso de mestrado superou obstáculos para tornar-se concretude. E agora ganha novos horizontes em busca das réplicas e contrapalavras de interlocutores e destinatários com os quais passo a dividir o caminhar. O sentido do texto elaborado pela pesquisa resume-se a esse encontro. Larrosa (2003) aprofunda meu entendimento:

Para que las palabras duren diciendo cada vez cosas distintas,
para que una eternidad sin consuelo abra el intervalo entre
cada uno de sus pasos, para que el devenir de lo que es lo

mismo sea, en su vuelta a comenzar, de una riqueza infinita, para que el porvenir sea leído como lo que nunca fué escrito... hay que dar las palabras que hemos recibido (p. 117).

O desafio está em se efetivar uma prática dialógica na qual a responsabilidade exigida pelas palavras possa conjugar escritas e experiências vividas resultando em um convite à autoria. Crianças em processo de apropriação do mundo escrito vivem a escutar de seus professores: “só se aprende a escrever escrevendo”. E o que fazem esses professores com sua porção escritora? Escrever não é uma tarefa simples. Aquele que se aventura nos rumos da escrita necessita de tempo, paciência e coragem. Sendo uma construção permeada de afetos e infindáveis confrontos, o fato de tornar essa produção visível contribui para que o professor possa ter outras interpretações das experiências que viveu – histórias de valor incalculável para o auto-conhecimento.